

PESQUISA QUANTITATIVA E QUALITATIVA EM SOCIOLINGUÍSTICA: DADAÍSMO METODOLÓGICO?

Caroline Rodrigues Cardoso

RESUMO

A confluência entre pesquisas quantitativas e qualitativas na Sociolinguística é um dadaísmo metodológico? O cerne da discussão aqui não é a epistemologia, pois parto do pressuposto de que a Sociolinguística estuda a língua atrelada ao social. Busco demonstrar que o enfoque metodológico depende da pergunta de pesquisa, ou seja, do tema a respeito do qual se desenvolve uma tese.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; metodologia; pesquisa quali-quanti.

Podemos dizer que o fato de existirem muitas formas de ver a realidade não implica necessariamente que existam muitas “verdades” alternativas.

(BORGES NETO, 2004a)¹

As reflexões aqui apresentadas ganharam força no segundo semestre de 2008, quando cursei a disciplina Metodologia: análise de discurso e pesquisa etnográfica, ministrada pela Profa. Dra. Cibele Brandão, no Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Português da Universidade de Brasília (PPGL/LIP/UnB). Procuo pensar em uma possível confluência entre metodologia quantitativa e

¹ BORGES NETO, José. *Ensaios de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004a.

qualitativa na pesquisa sociolinguística – isso seria um dadaísmo² metodológico?

Borges Neto (2004a)³ fala em dadaísmo epistemológico remetendo a Feyerabend (1975), porque objetiva discutir de que trata a Linguística. Aqui, o cerne da questão não é a epistemologia, porque já se parte do pressuposto de que a Sociolinguística é a ciência que estuda a língua atrelada ao social. Sabe-se que o próprio surgimento desse ramo dentro da Linguística subjaz a olhares diferenciados sobre o objeto de estudo e, consequentemente, implica métodos e/ou técnicas também diferenciados. Assim, entende-se que “se os pontos de partida são diversos, os resultados serão igualmente diversos” (DEMO, 1987, p.15)⁴.

Metodologia tem sido considerada um conjunto de métodos e técnicas utilizados para construção do conhecimento por meio de pesquisa (SILVA & SILVEIRA, 2007)⁵, ou seja, é uma preocupação instrumental (DEMO, 1987)⁶. Alguns (socio)linguistas defendem que metodologias quali e quanti são excludentes. Outros, que tudo depende do tópico a ser investigado. Entendo que um enfoque metodológico *x* e/ou *y* depende da pergunta de pesquisa, ou seja, do tema a respeito do qual se desenvolve uma tese. A pergunta levará ao uso de métodos e/ou técnicas abarcadas pela visão epistemológica do pesquisador (JOHNSTONE, 2000⁷; MASON, 2002⁸). Assim, “é importante percebermos que a ideia que fazemos da realidade de certa maneira precede a ideia de como tratá-la” (DEMO, 1987, p. 19)⁹.

² O Dadaísmo foi um movimento de vanguarda caracterizado pela oposição a qualquer tipo de equilíbrio, pela combinação de pessimismo irônico e ingenuidade radical, pelo ceticismo absoluto e improvisação. Enfatizou o ilógico e o absurdo. Entretanto, apesar da aparente falta de sentido, o movimento protestava contra a loucura da guerra. Assim, sua principal estratégia era mesmo denunciar e escandalizar. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 28 jun. 2009.

³ BORGES NETO, José. *Ensaios de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004a.

⁴ DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987.

⁵ SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

⁶ DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987.

⁷ JOHNSTONE, Barbara. “Thinking about methodology”. In: _____. *Qualitative methods in Sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 2000. p. 20-38.

⁸ MASON, Jennifer. “Designing qualitative research”. In: _____. *Qualitative researching*. London: Sage, 2002. p. 24-47.

⁹ DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987.

Um pesquisador maduro deve ter consciência dos seus objetivos, das suas hipóteses, do caminho a ser percorrido, com potencialidades e possíveis limitações. A mudança de caminho, se necessária for, nem sempre implica mudança de objetivos, mas a mudança de objetivos implica mudança de caminhos.

Segundo Demo (1987), a ciência é intrinsecamente a atitude questionadora frente à realidade, e a metodologia seria a forma de captar respostas. Portanto, “não há amadurecimento científico sem amadurecimento metodológico” (DEMO, 1987, p. 25)¹⁰. Uma possível inquietação acadêmica leva esse pesquisador mais maduro a experimentações ‘dadaístas’, entendidas como agitação, insatisfação, rompimento de um *status quo*, abertura ao novo.

Estudos epistemológicos têm demonstrado que, durante muito tempo, vigorou, no mundo acadêmico, o paradigma cartesiano, responsável pelo desenvolvimento de doutrinas e pressupostos materialistas, fundamentado em um pensamento filosófico positivista, que parte do princípio da neutralidade e da objetividade de leis e fenômenos mensurados matematicamente.

Descartes (1596-1650) propunha um fazer científico essencialmente prático e não especulativo a partir de um bom método, universal e inspirado no rigor matemático e racionalista. O método seria um instrumento que, bem manejado, levaria o homem à verdade. Esse método consistia em aceitar apenas o que é objetivo e irrefutável e, conseqüentemente, eliminar todo o conhecimento subjetivo ou sujeito a controvérsias. Essa postura cartesiana objetivava abranger, numa perspectiva de conjunto unitário e claro, todos os problemas sujeitos à investigação científica.

Quanto ao Positivismo (Augusto Comte, 1798-1857), este se ocupa daquilo que é verificável empiricamente, e isso significa aquilo que é medido matematicamente. Seu sentido está no próprio nome – positivo –, cujo significado é real em oposição a ideal, objetivo em oposição a subjetivo, relativo em oposição a absoluto, preciso em oposição a impreciso. Desse ponto de vista, no campo de estudos da linguagem, uma sentença só é verdadeira se for empiricamente verificada, ou seja, se está correlacionada com os fatos da realidade. Por exemplo, considerando a contextualização do início deste texto, a sentença (1) “Caroline Cardoso é aluna de pós-graduação da UnB” é verdadeira, já que é empiricamente verificável, mas a sentença (2) “Cibele Brandão é aluna

¹⁰ DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987.

de pós-graduação da UnB” não é verdadeira por não ser verificável no mundo real. Assim sendo, a análise do significado pressupõe uma condição objetiva e uma verificação possível no mundo real.

De outro ponto de vista, a sentença (2) poderia ser verdadeira, dependendo do contexto. Também poderia se considerar que a professora Cibele algum dia foi aluna da pós-graduação na UnB e alguém não sabe que ela já defendeu tese. Então, essa sentença poderia certamente ser produzida como verdadeira, pois Cibele um dia foi aluna da pós-graduação da UnB (BORGES NETO, 2004a¹¹, 2004b¹²; DENZIN & LINCOLN, 2006¹³; SCHWANDT, 2006¹⁴; SOUZA, 2007¹⁵).

No paradigma positivista, dominante na ciência por muito tempo, pesquisar significa centralizar-se num programa de investigação científica baseado em um conjunto de proposições/hipóteses testáveis, seguindo uma metodologia específica e métodos estatísticos que possam validar numericamente as hipóteses (BORGES NETO, 2004a¹⁶, 2004b¹⁷; SILVA & SILVEIRA, 2007¹⁸; SOUZA, 2007¹⁹).

No segundo quarto do século XX, tem início uma crise interior da ciência mecanicista, racionalista e ideal. Outra postura passou a ocupar destaque no campo científico a partir de transformações como a passagem da física clássica

¹¹ BORGES NETO, José. *Ensaios de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004a.

¹² BORGES NETO, José. “O empreendimento gerativo”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004b. p. 93-129.

¹³ DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. “A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa”. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-39.

¹⁴ SCHWANDT, Thomas A. “Interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social”. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.

¹⁵ SOUZA, Denizard de. *Ensaios de espiritualidade e cultura contemporânea*. Brasília: LGE, 2007.

¹⁶ BORGES NETO, José. *Ensaios de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004a.

¹⁷ BORGES NETO, José. “O empreendimento gerativo”. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2004b. p. 93-129.

¹⁸ SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

¹⁹ SOUZA, Denizard de. *Ensaios de espiritualidade e cultura contemporânea*. Brasília: LGE, 2007.

newtoniana para a física quântica, da biologia organicista para a biologia molecular, da fragmentação do saber para a interdisciplinaridade, da cerebriologia para a não localidade quântica da mente, da tecnologia analógica para a digital.

A postura cartesiana dá lugar a outras interpretações do mundo natural no âmbito das próprias ciências positivas. Daí uma revisão crítica da ciência por parte dos cientistas, dividida em duas fases principais: uma de crítica à ciência e ao positivismo; outra de reconstrução filosófica em relação com exigências mais ou menos metafísicas ou espiritualistas (GILL, 2002²⁰; DENZIN & LINCOLN, 2006²¹; SCHWANDT, 2006²²; SOUZA, 2007²³).

Então, as ciências tidas como factuais culturais, como a Psicologia Social, a Sociologia, a Economia, a História e as ciências humanas de modo geral, passam por um período de reflexão e reformulação de metodologias e práticas de pesquisa, combinando uma tradição de conhecimento fragmentado e analítico com uma nova realidade humana e social. Essa reformulação pretende na contemporaneidade um fazer científico holístico, interpretativo, sistêmico, subjetivo e, ao mesmo tempo, orientado para uma racionalidade complexa e integrativa.

Como enfatiza Levy (1999)²⁴, tende-se a uma suplantação “dos antigos critérios de objetividade e universalidade abstrata” para tratar do holismo e da complexidade do pensamento (MORIN, 2006)²⁵. Assim, podemos considerar que há pelo menos duas posturas científicas vigorando no meio acadêmico atualmente: uma com foco na especialidade, na descontextualização e nas generalizações; outra em busca do holismo, de uma visão do todo, do conjunto, como bem enfatizam Levy (1999)²⁶ e Bauman (2008)²⁷.

²⁰ GILL, Rosalind. “Análise de discurso”. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

²¹ DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. “A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa”. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-39.

²² SCHWANDT, Thomas A. “Interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social”. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.

²³ SOUZA, Denizard de. *Ensaio de espiritualidade e cultura contemporânea*. Brasília: LGE, 2007.

²⁴ LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

²⁵ MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

²⁶ LEVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.

²⁷ BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Deve-se ressaltar que essas posturas não são totalmente excludentes. Há cientistas que buscam equilibrar a visão objetivista com a subjetivista, obtendo resultados satisfatórios dentro daquilo que se propõem a fazer. Essa postura leva em consideração que realmente se pode lançar mão da subjetividade objetiva. Nas palavras de Schwandt (2006, p.197)²⁸, “é possível compreender o significado subjetivo da ação (entender as crenças do ator, seus desejos, etc.), porém, de uma maneira objetiva”.

Há bastante perigo em ser subjetivo ou objetivo em demasia. O pesquisador precisa ter o cuidado de saber balancear sua postura metodológica ao investigar um assunto, pois “os números só adquirem significado quando colocados em contextos mais amplos, dentro de uma teoria, de conceitos; caso contrário são apenas números e podem servir a propósitos de manipulação” (SILVA & SILVEIRA, 2007, p. 149)²⁹; e, também,

Para não interpretar equivocadamente o significado original, os intérpretes devem empregar algum tipo de método que lhes possibilite um afastamento de seus referenciais históricos. Quando corretamente empregado, o método é um meio que permite aos intérpretes alegar uma atitude puramente teórica de observador. (SCHWANDT, 2006, p. 197)³⁰

A Linguística sofre dos mesmos problemas epistemológicos que as outras ciências tidas como sociais. Os cientistas dessa área, em geral, buscam uma bússola para estabelecer detalhadamente o caminho a percorrer numa investigação de cunho linguístico. E, em geral, têm a opção de homogeneizar o objeto de estudos e autonomizar a linguística ou a opção de heterogeneizar o objeto de estudos e interdisciplinarizar a linguística (BORGES NETO,

²⁸ SCHWANDT, Thomas A. “Interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social”. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.

²⁹ SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

³⁰ SCHWANDT, Thomas A. “Interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social”. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 193-217.

2004a, p. 59)³¹. A história da aquisição do *status* de ciência, atribuído aos estudos linguísticos no início do século XX, coincidiu com a vigência do pensamento positivista lógico. Isso contribuiu para que Saussure e seus seguidores considerassem a língua de um ponto de vista estrutural, afirmando que “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 1993, p. 15)³² e que

a Linguística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados. [...] Por exemplo, a Linguística deve ser cuidadosamente distinguida da Etnografia e da Pré-História, onde a língua não intervém senão a título de documento [...]. (SAUSSURE, 1993, p. 13-14)³³

Em geral, a pesquisa linguística tem se pautado no paradigma empirista por se utilizar basicamente de métodos experimentais para captação e análise de dados linguísticos sem levar em consideração algumas questões importantes, como a inserção da língua num contexto humano e social com o fim básico de levar à comunicação ou, ainda mais partidariamente, à *interação* (inter+ação). Essa postura é baseada numa tradição saussuriana de análise estrutural, pautada em dicotomias, focada em fatores internos à própria língua e dimensionada na homogeneidade linguística.

Na década de 60, William Labov implementou um novo viés de estudos da língua, adicionando à visão essencialmente estruturalista o componente da heterogeneidade linguística. O que exatamente isso quis dizer? Que a língua passa a ser vista como um sistema heterogêneo, mutável, variável e dinâmico. E que estudar esse sistema significa considerar que fatores sociais podem afetar a estrutura linguística, além dos próprios fatores internos ao sistema.

Diferentemente do que afirma Pagotto (2004, p. 49)³⁴, o capítulo 8 do clássico livro de Labov (2008)³⁵ pode ajudar a entender que o fulcro de toda a discussão a respeito da superação de um paradigma saussuriano nos estudos

³¹ BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004a.

³² SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1993.

³³ SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1993.

³⁴ PAGOTTO, Emilio Gozze. *Variação e (') identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

³⁵ LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

linguísticos é uma interpretação equivocada. Na verdade, foi superada a visão de língua como entidade homogênea e predominante sobre a fala:

Não podemos nos permitir qualquer passo atrás: quem quer que deseje seguir adiante no estudo da língua certamente tem que ser capaz de trabalhar neste nível de abstração [paradigma gerativista]. Ao mesmo tempo, é difícil evitar a conclusão sensata de que o objeto da linguística tem de ser, ao fim e ao cabo, o instrumento de comunicação usado pela comunidade de fala [...]. (LABOV, 2008, p. 219-220)³⁶

Labov (2008, p. 215)³⁷ afirma, por um lado, que “uma área de pesquisa que tem sido incluída na ‘sociolinguística’ talvez seja rotulada mais adequadamente de ‘sociologia da linguagem’. Lida com fatores sociais de larga escala e sua interação mútua com línguas e dialetos” e, por outro, que “este capítulo tratará do estudo da estrutura e da evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala”. Isso quer dizer que havia, naquele momento, a necessidade de não mais se considerar apenas a estrutura linguística, como fazia Saussure, mas também como o falante faz uso dessa estrutura no momento da comunicação e que, sendo assim, ao passo que a sociedade muda, a língua muda com ela.

As pesquisas sociolinguísticas de cunho essencialmente qualitativo são provenientes de tradições antropológicas sociais anglo-saxãs e da etnologia francesa (SILVA & SILVEIRA, 2007)³⁸ com preocupações culturais e psicológicas muito fortes, com vistas a “entender o outro” (DENZIN & LINCOLN, 2006)³⁹. Por isso, Labov (2008)⁴⁰ as considera distintas do projeto sociolinguístico a que ele se propôs.

³⁶ LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

³⁷ LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

³⁸ SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson Sena da. *Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

³⁹ DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. “A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa”. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-39.

⁴⁰ LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

Segundo Flick *et. al.* (*apud* GÜNTHER, 2006)⁴¹, a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela “compreensão como princípio do conhecimento”, pela “construção da realidade”, pela “descoberta e construção de teorias” e pela “ciência baseada em textos”, o que Günther (2006)⁴² não concebe como características *sui generis* da metodologia qualitativa.

Não que não haja essas preocupações nas pesquisas variacionistas. Boa parte da tradição de estudos linguísticos hoje, especialmente no Brasil, deve muito de suas lucubrações aos estudos dialetológicos e variacionistas – que, mesmo sendo tachados de positivistas (CAMERON *et al.*, 2006), mapearam as variedades brasileira e europeia do português, além das diversidades do próprio português brasileiro, acabando por contribuir (direta ou indiretamente) para que se entenda a cultura, a sociedade, a educação, a história de um povo. No entanto, a Sociolinguística Variacionista não é uma área assumidamente crítica e politicamente engajada como o são a Análise de Discurso (cf. FAIRCLOUGH, 2001)⁴³ e o Feminismo (cf. HEYL, 2007)⁴⁴, para citar apenas dois exemplos.

A investigação clássica de Labov (2008, p. 19-62)⁴⁵ sobre a mudança sonora em uma ilha de Massachussets, Estados Unidos, apresenta-se como um exemplo de pesquisa com *design* quali-quanti. Labov (2008, p. 19)⁴⁶ escreve: “o trabalho relatado neste capítulo diz respeito à observação direta de uma mudança sonora no contexto de vida da comunidade na qual ela ocorre”. O texto segue descrevendo a cultura, a história, a sociedade e a língua da comunidade da ilha. Ao mesmo tempo, são apresentados resultados obtidos por métodos estatísticos sobre a centralização dos ditongos /aw/ e /ay/.

⁴¹ GÜNTHER, Hartmut. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?* (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 07). Brasília: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2006. Disponível em: www.psi-ambiental.net/pdf/07QualQuant.pdf, Acessado em: 17/06/ 2009.

⁴² GÜNTHER, Hartmut. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?* (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 07). Brasília: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2006. Disponível em: www.psi-ambiental.net/pdf/07QualQuant.pdf, Acessado em: 17/06/ 2009.

⁴³ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

⁴⁴ HEYL, Barbara Sherman. “Ethnographic interviewing”. In: ATKINSON, P.A. *et al.* (Orgs.). *Handbook of Ethnography*. London: Sage, 2007.

⁴⁵ LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

⁴⁶ LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

Para entender o fenômeno, o pesquisador lançou mão de artefatos quantitativos e, para interpretar os resultados numéricos, precisou conhecer e compreender aquela comunidade e sua história por meio da imersão naquele ambiente. Segundo o próprio Labov (2008 [1972], p. 62)⁴⁷, “a técnica de entrevista não foi controlada com o rigor que se esperaria: foram feitas muitas mudanças na estrutura da entrevista à medida que o estudo progredia”, postura comum em estudos qualitativos. Houve uma abordagem dialética de pesquisa para se chegar às conclusões sobre a mudança linguística em Martha’s Vineyard.

O contrário também acontece. Pesquisadores tidos como de uma tradição de estudos qualitativos dialogam com técnicas e métodos da pesquisa quantitativa. Essa é a postura adotada por Bortoni-Ricardo (2008, p. 10, grifos da autora)⁴⁸. A autora escreve que “a pesquisa em sala de aula insere-se no campo da pesquisa social e pode ser construída de acordo com um paradigma quantitativo, que deriva do **positivismo**, ou com um paradigma qualitativo, que provém da tradição epistemológica conhecida como **interpretativismo**”, e reforça com exemplo de “conciliação entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 33)⁴⁹.

Mais adiante, Bortoni-Ricardo apresenta um “modelo” de projeto de pesquisa qualitativa, cuja metodologia é “qualitativa e interpretativista” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 79)⁵⁰, em que a autora se vale de dados censitários percentuais do SAEB para auxiliar no alcance do objetivo especificado no projeto, qual seja “identificar, descrever e analisar rotinas no trabalho pedagógico, voltadas para o desenvolvimento de habilidades linguísticas, que sejam produtivas, isto é, que resultem na aprendizagem dos alunos, manifesta em sua fala ou texto escrito” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 80)⁵¹.

⁴⁷ LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

⁴⁸ BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

⁴⁹ BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

⁵⁰ BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

⁵¹ BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

Realizei estudo (CARDOSO, 2005)⁵² sobre a variação linguística em função das dimensões social e estilística com dados obtidos de uma única falante, em seis entrevistas não estruturadas, em ambientes diversos de interação – familiares e não familiares para a colaboradora –, levando em conta pressupostos teóricos de Labov (2008⁵³; 2001⁵⁴) e de Bell (1984⁵⁵; 2001⁵⁶) sobre variação intrafalante.

O foco era a colaboradora da pesquisa: se ela monitorava a própria fala, se seu comportamento linguístico mudaria em função dos diversos ambientes de interação e se a pouca exposição dela ao ensino formal influenciaria na variação da concordância e na variação estilística. Para tanto, também levantei traços importantes da vida da colaboradora e me tornei uma figura constante em seu cotidiano. Ao longo do processo, ela conheceu minha orientadora de pesquisa, com quem também teve pelo menos três encontros. Neles, pôde-se observar que houve grande empatia e identificação de histórias de vida: colaboradora e orientadora eram provenientes de zona rural, casadas, com um casal de filhos e bastante extrovertidas.

As conversas com a pesquisada giravam em torno de temas como família, educação dos filhos, casamento, lazer, estudo e língua, de forma agradável e espontânea. Algo importante a ser ressaltado é que, na primeira gravação, foi dado um gravador para a colaboradora, que gravou sua voz sozinha, enquanto fazia o almoço dos patrões. O mais interessante é que ela conversava com o gravador como se ele fosse sua patroa.

O trabalho enfatiza a história de vida da colaboradora e apresenta traços muito sutis de entrevista etnográfica, como gravação de conversas não estru-

⁵² CARDOSO, Caroline R. *Variação da concordância verbal no indivíduo: um confronto entre o linguístico e o estilístico*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Brasília: Universidade de Brasília, 2005.

⁵³ LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

⁵⁴ LABOV, William. “The anatomy of style-shifting”. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Orgs.). *Style and Sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

⁵⁵ BELL, Allan. “Language style as audience design”. *Language in society*, v. 13, n. 2, p. 145-204, 1984.

⁵⁶ BELL, Allan. “Back in style: reworking audience design”. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Orgs.). *Style and Sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.

turadas previamente, sem preocupação com o tempo da pesquisadora, mas sim com o da pesquisada e de acordo com a disponibilidade e interesse desta, mantendo certa proximidade entre as interlocutoras (HEYL, 2007)⁵⁷.

Não há como negar que toda pesquisa, independentemente da metodologia adotada pelo pesquisador, apresenta viés pessoal e ideológico, pois “a realidade não diz como é que quer ser abordada e toda abordagem que se puder propor vai sempre parecer parcial e arbitrária” (BORGES NETO, 2004a, p. 20)⁵⁸. Também não há como negar nem a importância do pensamento cartesiano para a humanidade nem a importância da implantação de novos paradigmas em ciência na contemporaneidade. Não há como negar que a mudança de paradigmas afeta não só o mundo das ciências, mas também da educação, da religião, da política, da família. Portanto, a ciência, assim como todas as áreas do conhecimento humano, necessita de uma busca incessante do diálogo, do holismo, da aceitação e da compreensão da complexidade do pensamento científico, do respeito às tradições e da abertura ao novo.

Segundo Günther (2006)⁵⁹, “difícilmente um pesquisador adjetivado como quantitativo exclui o interesse em compreender as relações complexas”. Portanto, é imprescindível que o pesquisador empirista, especialmente da área da Sociolinguística, busque dosar suas hipóteses e preocupações racionalistas com uma mudança de postura em relação aos sujeitos de pesquisa, em relação à ética, em relação ao desenvolvimento de pesquisas com resultados práticos para as comunidades e/ou diretamente para os seus colaboradores. E importante é ressaltar o quanto as porcentagens, as generalizações, o objetivismo são importantes suportes para entender determinados contextos particulares. Nas palavras de Naro (2003, p. 25)⁶⁰, “o progresso da ciência linguística não está

⁵⁷ HEYL, Barbara Sherman. “Ethnographic interviewing”. In: ATKINSON, P.A. *et al.* (Orgs.). *Handbook of Ethnography*. London: Sage, 2007.

⁵⁸ BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004a.

⁵⁹ GÜNTHER, Hartmut. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?* (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 07). Brasília: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2006. Disponível em: www.psi-ambiental.net/pdf/07QualQuant.pdf, Acessado em: 17/06/ 2009.

⁶⁰ NARO, Anthony Julius. “Modelos quantitativos e tratamento estatístico”. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 15-25.

nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas”.

Entende-se, dessa forma, como possível, desejável e perfeitamente aceitável uma relação entre a postura quantitativa e a qualitativa em pesquisas sociolinguísticas. Porque, no final das contas, segundo Nelson *et al.* (*apud* DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 18)⁶¹, “a escolha das práticas da pesquisa depende das perguntas que são feitas, e as perguntas dependem de seu contexto” e, ainda, “do que está disponível no contexto e do que o pesquisador pode fazer naquele cenário” (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 18)⁶².

De certo modo, essas discussões epistemológicas não são privilégio da contemporaneidade. Desde os gregos, há pelo menos duas vertentes quanto à relação entre o conhecimento humano e a “realidade” conhecida. Uma vertente que considera que há uma verdade única e objetiva, que é o objetivo da ciência; outra vertente que considera a interdependência entre conhecimento e contexto, momento histórico e circunstâncias.

No tocante à linguagem, os gregos discutiam se ela se relacionava com a realidade de forma natural ou de forma convencional – o nome podia ser uma imagem natural da coisa nomeada; o nome podia ser arbitrado ao gosto de cada um; o nome podia ser estabelecido por um legislador (BORGES NETO, 2004a, p. 71-74)⁶³. O que se verifica, ao longo da história das ciências, é que uma ou outra vertente vigorou no fazer científico.

Chega-se, então, ao ponto crucial dessas reflexões:

considerando os recursos materiais, temporais e pessoais disponíveis para lidar com uma determinada pergunta científica, coloca-se para o pesquisador e para sua equipe a tarefa de encontrar e usar a abordagem teórico-metodológica que permite, num mínimo de tempo, chegar a um resultado

⁶¹ DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. “A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa”. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-39.

⁶² DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. “A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa”. In: _____. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-39.

⁶³ BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004a.

que melhor contribua para a compreensão do fenômeno e para o avanço do bem-estar social (GÜNTHER, 2006)⁶⁴.

Do contrário, assume-se uma única postura metodológica e não se reconhece a possibilidade de caminhos alternativos para lidar com a infinidade de comportamentos, olhares e [inter]ações existentes a respeito do objeto de estudo.

QUALITATIVE AND QUANTITATIVE RESEARCH IN SOCIO-LINGUISTICS: METHODOLOGICAL DADAISM?

ABSTRACT

The confluence between quantitative and qualitative research in Sociolinguistics is a methodological Dadaism? The issue here is not epistemology, because I assume that the Sociolinguistics studies the language linked to social. I want to demonstrate that the methodological approach depends on the research question, ie, the subject about which a thesis is developed.

KEY WORDS: Sociolinguistics; methodology; qualitative research.

Recebido em: 27/06/2012

Aprovado em: 29/01/2013

⁶⁴ GÜNTHER, Hartmut. *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?* (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, nº 07). Brasília: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental, 2006. Disponível em: www.psi-ambiental.net/pdf/07QualQuant.pdf, Acessado em: 17/06/ 2009.